

## Nome próprio: a tela como uma (des)amarradura dos sintomas

Thauany Duarte Diniz<sup>1</sup>

Vanessa Guimarães da Silva<sup>2</sup>

### Resumo

O presente trabalho buscou compreender a relação entre nome próprio, corpo e virtualidade sob a perspectiva psicanalítica, de forma a analisar os atravessamentos do autoneo no ciberespaço mediante as palavras autorais de Cielo Latini. Para obter tal objetivo, houve a retomada das obras freudianas e lacanianas – primeiro ensino –, bem como autores que abordavam tal temática baseando-se na teoria desses dois grandes psicanalistas. Ademais, a obra autobiográfica *Abzurdah* (2006), da autora argentina Cielo Latini, foi utilizada como objeto de estudo, tendo em vista que os pontos teóricos foram discutidos a partir de tal narrativa. Assim, por meio da análise documental, foi possível investigar como Latini faz uso do ambiente virtual para se manter em uma posição gozante, já que os nomes escolhidos para os seus users podem se referir aos seus sintomas. Ainda foi possível perceber a tentativa constante da protagonista de ocupar o lugar de Ideal para o Outro, que, em sua infância, era ocupado pela mãe e, já na adolescência, pelo outro do sexo, Alejandro. Este artigo não pretende esgotar as discussões sobre o tema, mas, ao contrário, possibilitar uma abertura crítica sobre os atravessamentos teóricos em relação à vida absurda do caso publicado.

**Palavras-chave:** Nomeação, *Abzurdah*, Virtualidade, Psicanálise, Corpo.

---

<sup>1</sup> Pós-graduada em Psicanálise e Saúde Mental: a clínica contemporânea pela Universidade do Estado de Minas Gerais (Uemg) (Minas Gerais, Brasil). Graduada em Psicologia (UEMG). Atualmente trabalha com atendimentos clínicos individuais seguindo a perspectiva psicanalítica. Orcid: 0000-0002-7114-6782. E-mail: thauanyddiniz@yahoo.com.

<sup>2</sup> Mestra em Estudos Psicanalíticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Docente do Curso de Psicologia da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) (Minas Gerais, Brasil). Orcid: 0000-0001-6877-9581. E-mail: vguimaraes091@gmail.com.

## Introdução

Tendo como referência a obra *Abzurdah* (Latini, 2006), este estudo almeja compreender a relação entre corpo e nome próprio e, por meio da vida de Cielo Latini, buscar discutir qual seria a função do autoneamar no ciberespaço. Dessa forma, no percurso deste artigo, serão priorizados os aspectos subjetivos dos sujeitos na contemporaneidade acerca da inscrição do nome próprio no corpo e, a partir da pergunta-problema, analisar se o ato de Cielo em se renomear no virtual é uma forma de se amarrar na posição de gozo ou de buscar uma nova posição na estrutura simbólica.

Para construir este texto, primeiramente escolheu-se o livro *Abzurdah* para, assim, se pensar os conceitos psicanalíticos a partir das temáticas citadas. Posto isso, a opção por essas temáticas se deu por meio da análise de que ainda hoje os sujeitos se identificam com seus sintomas e continuam a se nomear por intermédio deles no virtual, na tentativa, muitas vezes, de criar laços mediante seu gozo.

Além disso, optou-se por acrescentar algumas passagens da obra mencionada para melhor reforçar as análises teóricas e incluir diretamente as palavras escolhidas de Cielo para dizer sobre si ou sobre o que lhe acontece. A seleção dessas citações se deu com o entendimento de que ilustrariam e abarcariam melhor o que estava sendo abordado. Por se tratar de uma autobiografia, os acontecimentos narrados não têm comprovação, posto que, como Latini (2006) disse no prólogo, a escrita funcionou como um método terapêutico que se baseou em seu próprio ponto de vista.

Teoricamente, baseou-se no ensino de Lacan e Freud, utilizando textos clássicos que contribuem para compreender acerca do nome próprio e do corpo, especialmente em seu modo de pensar a anterioridade da marca. Constata-se que tais autores ainda deixam lacunas no aprofundamento desses temas, porém colaboram para o propósito deste artigo: iniciar as discussões – mediante os escritos de Latini – sobre o nome, corpo e o renomear.

O atravessamento do nome próprio de Cielo será conceitualizado com fundamento em Lacan, que entende o nome próprio de duas maneiras no decorrer de seus ensinamentos: como ato, no seminário *A Identificação*, e como invenção, no seminário *RSI*. Essa visão primeira – que será o foco deste artigo – será baseada no retorno à teoria freudiana sobre o Complexo de Édipo, a partir de Lacan (1956-1957/1995, 1957-1958/1999), que o percebe utilizando o termo metáfora paterna, como uma função simbólica atrelada ao para além do sentido, ou seja, como algo que não pode ser totalmente simbolizável, já que se encontra também na dimensão do real (Guerra & Andrade, 2019).

Lacan (1957-1958/1999) assevera que tal metáfora indica o desejo da mãe como significante, que será substituído por outro significante denominado Nome-do-Pai. Esse processo lógico é que dará início à simbolização, provocando, como efeito intervalar, o surgimento do sujeito dividido. É importante dizer que, seguindo a perspectiva lacaniana, essa operação não ocorre apenas em um único momento, operando sempre ao longo da vida do sujeito. Outrossim, é por esse meio que o sujeito se formaliza como desejante, fator que provoca a busca incessante por uma completude imaginária, o que será sempre em vão. A identificação com o nome próprio aliena o sujeito ao campo do desejo do Outro e, ao mesmo,

tempo o afanisa, de forma que, simultaneamente, tenta suturar e causa furos (Souza & Danziato, 2014).

O ato de se renomear também pode ser entendido como uma busca do sujeito para encontrar um lugar de reconhecimento no Outro, como pode ser visualizado na constante procura de Latini (2006) por um significante que dê conta do seu ser. Com isso, a partir das questões centrais na teoria lacaniana a respeito de desejo, falta e significante, será possível fazer uma análise documental da obra *Abzurdah*.

Lacan (1961-1962/2003), baseando-se em Saussure, vai desenvolver a noção de significante como algo que não carrega significado, sendo apenas quando se encontra articulado com outros significantes que ocorre uma significação, além de se igualar a outros significantes apenas pelo fato de serem únicos; o que ao mesmo tempo traz uma diferenciação. O mesmo ocorre com a identificação, que não é uma tentativa de igualar, mas, ao contrário, de diferenciar, como  $A=A$ . Campos e Silva, Carvalho e Chatelard (2017) vão dizer que o nome próprio como significante também vai transmitir a falta, e é nesse ponto que se estabelece o enlace com o Um, pois, para que o sujeito se reconheça nesse significante, é preciso que algo permaneça insubstituível – a letra.

A letra é pura materialidade e apresenta uma íntima relação com o conceito lacaniano de *sinthoma*. Primeiramente, Lacan (1999/1957-1958), a partir do seminário cinco e do registro simbólico, vai desenvolver a noção de sintoma como uma metáfora e também como uma mensagem e significado do Outro, na medida em que é produto da cadeia significante, sendo possível de ser interpretável. Todavia, já nos seus últimos seminários, Lacan acrescenta que há algo que resta do sintoma, ou seja, o que resta depois do que foi analisável, como se fosse um efeito do simbólico no real (Lacan, 1974-1975). Esse excedente que insiste será nomeado de *Sinthoma*. Entende-se que o corpo pode aparecer então como uma tela que transmite, de forma codificada, os sintomas que estão presentes no inconsciente. Soler (2009, p. 172) diz que “o sintoma é o nome da identidade do sujeito, seu verdadeiro nome próprio”, isto é, há o nome particular e o que diz respeito ao seu sintoma.

Lacan utiliza o conceito de “fantasma” – ou fantasia, a depender da tradução – para explicar o que mantém as questões sintomáticas do sujeito, especialmente por, em análise, haver uma resistência em falar sobre. O fantasma funciona como uma “janela” da qual o sujeito visualiza sua realidade sustentada pelo desejo inconsciente, funcionando como uma ligação entre sujeito barrado e o objeto  $a$  – causa de desejo (Lacan, 1966-1967/2018). É importante lembrar que tanto o sujeito quanto o objeto estão em falta e é justamente o fantasma que suaviza a angústia.

O ambiente virtual é uma das alternativas do sujeito para se constituir sob o viés do fantasma, o que pode ser percebido no ato de Latini (2006) se renomear. Em *Escritores criativos e devaneios*, Freud (1908[1907]/1996) destaca a sua crença de que os primeiros traços do processo da fantasia já se encontram na infância, em que a criança brinca, mas consegue separar o que é da ordem da imaginação e o que é da realidade. Com essa ferramenta, o sujeito também tenta amarrar o seu mal-estar a partir do autonomar nas redes virtuais, podendo, inclusive, optar por renomear, a cada momento que desejar, algo que pode ser observado na trajetória da escritora Cielo Latini, como será apresentado nas páginas seguintes.

Partindo das particularidades do renomear no ciberespaço, o presente artigo irá se desenvolver a partir das seguintes subdivisões que norteiam as discussões que se seguem: A inscrição de um novo nome: Abzurdah; O corpo e o nome: a construção do sujeito e seus ideais; e Abzurdah e os sintomas no corpo perpassados pelo nome próprio. É importante destacar que, por ser fruto de uma investigação documental, todos os tópicos do desenvolvimento serão direcionados à análise do livro de autoria de Cielo Latini (2006). Dessa forma, busca-se mediante as palavras de Cielo se pensar sobre a enigmática relação entre corpo e nome próprio.

## A inscrição de um novo nome: Abzurdah

Letra a letra se constituindo como uma história, os signos desenhados a cada página do livro esclarecem uma parte de Cielo, uma autobiografia que traça as questões da protagonista com o seu próprio corpo, com o seu nome próprio e com o seu sintoma. “Essa sou eu: Cielo, a que excede os limites do normal. Poucas vezes para o bem” (Latini, 2006, p. 12, tradução nossa).

Cielo Latini, em seu livro *Abzurdah*, narra suas vivências desde a infância até a fase adulta. Ela própria esclarece que lhe custa muito se definir e, por isso, este texto também não irá tentar fazê-lo. Nas primeiras folhas, seu nome já aparece como algo que diz mais sobre o ideal que seus pais depositaram nela do que realmente sobre o que a representa: “assim meu nome é especial, como eu (segundo meus pais)” (Latini, 2006, p. 14, tradução nossa).

Como forma de projetar essa idealização, Cielo precisava ser a melhor em tudo, bem como participar de todas as atividades que a colocariam nessa posição, como aulas de língua estrangeira, música, esportes, entre outros. Por mais que conseguisse ocupar, de certa forma, esse lugar para sua família, seu corpo obeso não a fazia se considerar perfeita. Não obstante, em uma viagem à praia com familiares, decidiu não se alimentar e, a partir disso, somado ao desenvolvimento biológico, ela foi perdendo de forma drástica os quilos que tanto a incomodavam. Como destacado em seus desabaços, o corpo era uma forma de mostrar às pessoas o que pensava, sentia ou o que não conseguia dizer –bem como quando dizia e não era escutada. A partir da interpretação da personagem sobre o que seria o desejo do Outro – que ela fosse perfeita –, pode-se entender o expressar pelo corpo por meio do emagrecimento como uma tentativa de apresentar-se em seu valor fálico, sendo causa de desejo.

O computador também foi um grande aliado para representar suas ideias e sentimentos. A escrita em uma espécie de diário e as conversas com pessoas do mundo todo em um canal de comunicação on-line possibilitavam, finalmente, uma sensação de pertencimento. Com o user Clara14, ela começou a ser vista naquele mundo. Em especial por um homem mais velho que se apelidava de Hogweed nesse bate-papo: as conversas com o Alejandro, dono desse codinome, foram se desenrolando até que tal relação passou a ser sentida como um romance. Com (des)encontros virtuais e presenciais, Cielo se entregou de forma tão intensa à relação que acabou sendo controlada pelo homem, permitindo que ele a manipulasse, o que consolidaria o caráter abusivo da relação. Em um de seus desabaços, ela reflete: “Como é possível amar e odiar a mesma pessoa?” (Latini, 2006, p. 57, tradução nossa).

À medida que os acontecimentos se refletiam, Cielo passou a usar o mundo virtual como uma tela na qual projetava as experiências e conflitos que se manifestavam em seu

corpo. De Clara<sup>14</sup>, ela passou a se chamar virtualmente de Hiedra, depois de Lágrima e, por fim, Abzurdah. Cada nome escolhido e redefinido para tentar encaixar um significante em tudo o que ela se mostrava ser e, principalmente, para conseguir nomear o seu sintoma. Todavia, é questionável se o renomear, nesse caso, apresenta-se como uma forma de amarradura dos sintomas corporais ou como uma maneira de sustentar a posição de gozo de Latini. Para se pensar nessa problemática, é preciso analisar algumas questões fulcrais na história desse sujeito: o que a leva a construir cada *user*? Qual a relação desses nomes com o sofrimento que se engendra em seu corpo? Tais inquietações se desvelam a partir das últimas páginas do livro, quando ela se autoneia Abzurdah: “Esse é o meu modo de funcionamento, é assim que eu sou: absurda. Eu me entendo na minha desordem, na minha incoerência. Eu sou tudo, depende do dia. Eu sou um absurdo. Eu sou o que o mundo quer que eu seja” (Latini, 2006, p. 340, tradução nossa).

## **O corpo e o nome: a construção do sujeito e seus ideais**

O sujeito quando passa a existir, antes mesmo do nascimento, é falado, nomeado. O Outro, como aquele que estabelece e insere significantes, cria um ideal de como tal pessoa deve ser, com quem se parece, o que deve fazer, qual a sua personalidade, entre outros: o recém-nascido não nasce inserido na linguagem, já que é a partir do Outro que vai sendo implantado na cadeia significante.

Lacan (1960/1998) diz que é por meio da ação da linguagem – alienação ao Outro – que nasce o sujeito. Contudo, é importante lembrar que isso também provoca um efeito afanísico do sujeito. O seu ser não pode ser compreendido por esse sentido dado pelo Outro, gerando sempre uma perda, como bem se pode perceber na relação sujeito-nome próprio. Pissetta e Besset (2011) afirmam que, por meio da alienação, haverá uma escolha forçada entre o ser e o sentido (S1-S2) – no fim da operação, a consequência será nem um nem outro, como o exemplo dado por Lacan (1964/2001), no seminário 11, em relação à “Bolsa ou a Vida” –, acarretando a divisão do sujeito.

Para se pensar a constituição do sujeito, também é imprescindível retomar Freud. Em 1914, Freud (1914/2010) introduziu um marco em sua teoria do desenvolvimento psíquico ao propor a existência da pulsão antes da instância do “eu”. Para ele, a pulsão se manifesta inicialmente mediante o “autoerotismo”, um estado de prazer intenso que a criança experimenta em seu próprio corpo, sem distinção entre eu e o outro. Pelos desconfortos internos existentes e a percepção de que só consegue saciar suas necessidades e seus desejos por meio de outrem, vai se instaurar o “narcisismo primário”. Nesse momento, o bebê vai tomando consciência de si e do outro pela falta, além de perceber um contorno de seu corpo e uma percepção de que há algo que separa a sua superfície corporal da outra pessoa. Já o “narcisismo secundário” é quando há um investimento no eu que se direciona ao objeto; no entanto, é importante mencionar que esse objeto não fica totalmente direcionado ao externo, ou seja, a uma porção que retorna ao sujeito. Entende-se, então, que aqui haverá uma diferenciação entre pulsões do eu e objetais, porém, agora, o objeto de investimento será diferente em cada ocasião.

Em um passo adiante, Freud (1923/2011) apresenta que “o eu é, primeiro e acima de tudo, um eu corporal; não é simplesmente uma entidade de superfície, mas é, ele próprio [...] uma projeção mental da superfície do corpo, além de [...] representar as superfícies do aparelho mental” (p. 39). O sujeito então se percebe como uma unidade, apesar da divisão existente, visto que ele não vê o que está além da imagem de seu corpo. Outrossim, essa noção trabalhada por Freud demarca que o Eu se apresenta como isso que reveste a associação do mundo interno e externo e, ao falar de um eu-corporal, o psicanalista austríaco apresenta que é o corpo que baliza essa relação.

É no texto de Lacan (1949/1998), nomeado “O estádio do espelho como formador da função do eu”, que tal argumento é mais bem abordado em relação à conceitualização desse estádio do espelho e o narcisismo. No texto mencionado, aparece uma explicação sobre o ato do bebê de se reconhecer a partir de uma imagem refletida. Porém, até chegar a esse resultado, a criança passa por três momentos que emergem do olhar e da linguagem de quem ocupa a função materna, sendo por meio do Outro que o sujeito se reconhece. Pâmella Freitas (2018) afirma que “esse ato de pintar significantes no ‘corpo’ – tela em branco – retrata, para a Psicanálise, o bordejamento, a circunscrição da dimensão incógnita do corpo pelo simbólico” (p. 28).

Conforme aponta Greco (2011), “o Outro funciona como um ‘escudo narcísico’ que separa o sujeito – ser de imagens e símbolos – do real, para sempre” (p. 5). É por esse processo de incorporação da linguagem que o sujeito passa a tecer para si um Eu e um corpo, formalizando o campo Simbólico e o Imaginário.

Assim, para melhor entender a formação do eu, é preciso analisar o que Lacan irá apresentar com as noções *Je* e *Moi*, que, em francês, trazem duas porções do Eu. Dessa maneira, o autor, em 1949, propõe que o *Je* se refere ao sujeito do inconsciente e *Moi* nomeia o eu que se inaugura a partir do aparato da imagem do corpo, pelo estatuto da identificação. Percebe-se que “a concepção calcada no ‘Moi’, na identificação, mostra-se insuficiente para abranger a verdade do sujeito. Tem lugar, então, a concepção de sujeito pelo viés do simbólico, marcado de maneira inevitável pela linguagem, alienado no significante” (Barroso, 2012, p. 155).

Dessa forma, a imagem que se tem do próprio corpo influencia na formação do eu, como se pode perceber no caso de Latini (2006), que traz em sua autobiografia os descompassos que vivencia diante do encontro com o inominável do corpo. Um eu que vacila perante as tentativas fracassadas de se ancorar no ideal de seus pais. São significativos as atitudes e resultados que a protagonista tinha ao realizar as atividades que sua mãe desejava. Todavia, apesar de se considerar boa em várias dessas atribuições, o corpo lhe escapava. Desde criança, ela tinha uma estrutura física acima do peso e isso a incomodava, a ponto de refletir no social. No decorrer das páginas, é nítido o sofrimento com as consequências que o corpo trazia, tendo em vista que a imagem corporal em si não parecia ser o foco do mal-estar, pois, em seu relato, ela declara como descontava no corpo, com a comida, aquilo que lhe causava sofrimento.

Sob tal viés, para se pensar a relação de Cielo com o corpo, torna-se essencial retomar a teoria, a partir da noção criada por Freud, de Eu Ideal e Ideal do Eu, em especial a partir da releitura de Lacan (1953-1954/2009) sobre o narcisismo, em que são diferenciados esses dois fundamentos. Como bem discutido nesse texto, ao não encontrar um significado para se referir ao seu ser, o sujeito se dirige ao Outro em busca de um significante que o represente.

Todavia, essa é uma tentativa falha, haja vista que o significante não consegue sozinho se representar. Assim, há uma chuva de significantes que possibilitam ao sujeito rodear a falta, mas nunca a tamponar. Para tentar suprir esse buraco, haverá a identificação com dois ideais: Eu Ideal e Ideal do Eu.

O Eu Ideal é entendido como uma instância imaginária que é introduzida apenas quando já há um estabelecimento na posição simbólica. Portanto, segundo Batista (2013), “do ponto de vista da fantasia, há a atribuição da perfeição ao Eu por meio da captação de algo do Outro que é ideal e que determina o seu ser” (p. 09). Nesse momento, atrelado também aos três tempos edipianos, a criança é inserida, de forma imaginária, ao desejo do Outro pela via significante. Posto isso, pode-se entender o Eu Ideal como algo relacionado ao narcisismo, de forma a, ilusoriamente, achar que conseguiria responder ao que o outro quer para, assim, como efeito, cessar a castração. Essa construção é ligada ao ideal de completude e perfeição, a um ponto imaginário no qual o sujeito busca se espelhar, mas que, ao mesmo tempo, é inalcançável

Já o Ideal do Eu é uma instância que aparece depois (tempo lógico), entendida como secundária, que substituirá, de forma simbólica, esse narcisismo mais primário. O sujeito nessa segunda instância apreenderá, então, uma ideia, valor ou pessoa como ideal para autorizar o próprio do desejo, como bem argumenta Dunker (2016); ou seja, o Ideal do Eu serve como um ponto de referência para o sujeito se identificar e se orientar no mundo, formando-se a partir dos significantes do Outro. Juntamente com o Supereu, este irá configurar a moralidade como aquilo que auxilia na orientação por meio de um referencial, mas ainda sendo inalcançável. Além disso, é por meio desse último que o indivíduo irá selecionar as estruturas de admiração que serão fundamentais na maneira singular de amar.

Nas falas de Cielo, parece se configurar algo da junção do Eu Ideal e Ideal do Eu, evidenciando principalmente o Eu Ideal, já que há uma insistência em tentar cumprir aquilo que surge como desejo e expectativas do Outro, tentativa de responder àquilo que este quer do sujeito. Assim, a partir da realização dessa promessa, o sujeito acredita que a angústia irá passar, porém há algo que insiste no corpo e que o impossibilita ser aquilo que o Outro quer. Latini (2006) conta que pesava 64 kg e “media pouco mais que um fícus anão” (p. 5, tradução nossa), considerando-se escandalosamente gorda e abominável. Pouco depois, na mesma página, completa: “bem, nem tanto, mas era aquela imagem que eu achava que os outros tinham de mim. Até pouco tempo atrás, eu acreditava que minha imagem pessoal era boa, que minha autoestima estava alta e estava dentro dos limites corretos ou esperados” (p. 5, tradução nossa).

Nesse caso presente na obra *Abzurdah*, estima-se que a protagonista é perpassada pela ilusão contida na imagem idealizada que tem de si mesma, uma imagem que promete uma completude que é, na verdade, impossível de alcançar. Essa impossibilidade de uma plenitude se torna angustiante porque Cielo está presa a uma fantasia, na esperança de obter a resposta para a pergunta “*Che vuoi?*”<sup>3</sup>, que surge quando o sujeito se depara com o desejo do Outro.

---

3 Tradução: O que queres?

Pode-se analisar essa ideia retomando a personagem principal, que narra dois pontos referentes ao início de seus anos na escola, os quais ela mesma interpretou como decorrências de sua obesidade: o primeiro é o *bullying*, e o segundo, a falta de amizades. Todavia, é valoroso dizer que, em toda a obra, mesmo depois de emagrecer, Latini (2006) ainda retrata essa falta de amigas, podendo ser considerado como um elemento para além dos quilos: “mas depois me disse que não era que não tivesse amigos porque era gorda: era gorda porque não tinha amigos” (p. 5, tradução nossa), já que, por se sentir mal, ela sempre resolvia tudo no comer. Torna-se fundamental esclarecer, a partir dos dizeres de Kelner (2004), que “a obesidade traz à cena não apenas uma referência estética e psicossocial da imagem do corpo, como também um complexo de identificações positivas e negativas se compreendendo genealogicamente” (p. 33). Assim, a comida aparece como um objeto externo que o indivíduo utiliza para tentar tampar a falta interna, causadora da angústia, por exemplo, mesmo que temporariamente.

Esse ponto também pode ser analisado no processo de perda de peso patológico da protagonista, o que resultou em uma anorexia. Para entender melhor isso, é preciso retomar novamente a história. Em uma viagem à praia com a família, Cielo se negou a colocar biquíni e roupas derivadas por se sentir feia com a forma como seu corpo se apresentava, iniciando um processo independente de restringir certos tipos de alimentos e, até mesmo, a quantidade que eles poderiam ser consumidos – o que, mesmo em um número condizente com sua altura, resultou em perda drástica de quilos. A partir desse momento, somado à mudança da instituição escolar, ela consegue fazer amizades, fazer parte de um grupo. “Quando voltei para a escola, pode-se dizer que eu era uma pessoa diferente. Pessoas que antes não sabiam que eu existia agora olhavam para mim, percebiam minha existência [...] eu estava com o grupo” (Latini, 2006, p. 23, tradução nossa).

Nessa ocasião, ela também ganhou do pai um computador, que passou a ser uma espécie de diário no qual ela escrevia tudo o que lhe acontecia. Anos mais tarde, já com acesso à internet, começou a fazer parte de um grupo on-line de conversas, tendo possibilidade de bater papo com quem quisesse do mundo inteiro. E assim, mais uma vez, ela se integrou a um grupo que a fazia se sentir parte de algo, reconhecida. Também no ambiente virtual ela conheceu Alejandro, cujo user era Hogweed, que se tornou uma espécie de confidente e alguém que reforçava o que ela queria: ser vista. “Alejandro me dá o que eu quero, ou ele me dá parte do que eu quero, ou ele me faz acreditar que ele me dá o que eu quero, ou eu me convenço de que estou satisfeita com o que ele me dá, ou eu imploro e ele concorda em dar como esmola” (Latini, 2006, p. 95, tradução nossa). A partir de tal fala, é possível questionar o que Cielo busca se colocando na posição de objeto de desejo desse homem: o que ela busca com esse olhar?

Silva (2019) salienta que há algo na *imago* que falha, fazendo com que a ilusão de suporte da permanência do Eu enfraqueça e, a partir disso, o olhar do outro entra como aquilo que sustentaria o corpo que cai. Dessa forma, Cielo parece buscar em Alejandro essa sustentação, abrindo mão de seu lugar de sujeito e assumindo uma posição de abjeto.

Entretanto, com o passar dos anos, esse amor foi se tornando abusivo, tendo em vista que ele, conscientemente, conseguia ter poder sobre ela. Dessa forma, Cielo sentia necessidade de ir se adaptando para se colocar no molde ideal para Alejandro. Tentativa fracassada, pois

sempre se sentia insuficiente, já que ele frequentemente a recusava. De desejada a recusada. Essa era a fórmula que a mantinha constantemente angustiada. E, para conseguir dar conta desse afeto, ela novamente recorria à comida. Aliás, à falta dela.

Em mais uma noite de frustração com o relacionamento amoroso, Cielo decide sair para se divertir com amigas da faculdade e, por ter bebido demais, começa a se sentir mal. Uma das colegas a ensina a induzir o vômito, com a justificativa de que assim ela se sentiria melhor. Esse ato, para a protagonista, foi nomeado como “vômito cósmico”, visto que o sofrimento saiu junto com a bebida e a comida que estavam em seu organismo: iniciou-se um ciclo de comer e vomitar sempre que aparecia a urgência de se sentir bem e, depois de um tempo, o costume de não se alimentar para não ter o trabalho de regurgitar. Mais uma vez, ela conta seu segredo para Alejo, mas não consegue a atenção que desejava, pois ele apenas lhe diz que estava bulímica: “cuide de seu probleminha mental” (Latini, 2006, p. 129, tradução nossa). Contudo, “isso incentivou-me mais e mais para levar a cabo meu propósito: que se preocupasse comigo” (p. 121, tradução nossa), sendo considerado o início patológico de sua anorexia. Nesse momento, ela também acrescenta que se ele não a amava, ela então iria morrer, porém linda.

Nesse sentido, o sintoma aparece por meio do olhar de um Outro, “eu não gosto de você tão magra, acho que vou te quebrar se te toco” [...] minha magreza estava dando frutos: estava conscientizando Alejo. Era tudo o que eu queria” (Latini, 2006, p. 155, tradução nossa). Além da atenção de seu amor, ela também consegue chamar a atenção da família e amigas.

A anorexia, ou melhor, a deusa, como ela a chamava, não consegue sustentar seu ideal e suas personagens, o que a leva a planejar a própria morte, embora pareça inicialmente outra montagem. Assim, depois de uma quase morte, sob o efeito de medicamentos, ela escreve uma mensagem on-line para Alejandro: “Quero ver-me só uma vez mais... Preciso ver-me. Ver-te” (Latini, 2006, p. 244, tradução nossa). Um ato falho que responde a relação de sofrimento com o seu próprio corpo.

## **Abzurdah e os sintomas no corpo perpassados pelo nome próprio**

Esse processo sofrido de Cielo para tentar se encontrar também perpassa pelo seu nome próprio e pelo ato de se autoneamar no virtual. Ou melhor, de nomear virtualmente o seu sintoma.

Tenho, é verdade, várias personalidades e para cada uma delas um grupo diferente de amigos. É difícil para mim misturar amigos. Às vezes, sou muitas pessoas que diferem umas das outras: têm personalidades diferentes e são motivadas por coisas incomparáveis. Por mais duro que pareça, eu sei que é. Há pessoas que não apostariam na HIEDRA e outras que se sentem desconfortáveis com a Cielo. É por isso que eu tenho que agir de forma diferente ou me conformar. Sou o que o ambiente quer que eu seja, o que as situações me dizem que é melhor ser. O que é mais conveniente ser (Latini, 2006, p. 97, tradução nossa).

Para entender melhor essa questão, faz-se necessária uma retomada teórica acerca do nome próprio. Lacan (1961-1962/2003) propõe que o nome próprio esvanece de representações-

– não está saturado de significações ou de imagens mentais que o preencham –, tendo em vista que é pela letra – e não pelo som – que se liga; ou seja, os signos gráficos vêm antes dos signos fônico: “dessa relação de leitura do signo, que pode nascer em seguida a escrita, uma vez que ela pode servir para conotar a fonematização” (Lacan, 1961-1962/2003, p. 101). Assim, onde ocorre uma falha na representação pela palavra, “onde a palavra não consegue ler as primeiras e decisivas incursões do Outro linguageiro sobre o infans, elas se inscrevem ou na superfície ou no interior do corpo. [...]. Permanecem como marca de presença traumática da vontade do gozo do Outro” (Siqueira, 2013, p. 50).

É destacável, no percurso de Lacan, que o nome não apresenta sentido e nem significação, mas algo da ordem da significância, pois diz algo de alguém para outra pessoa. Tal questão pode ser verificada na mudança de língua estrangeira, em que a nomeação própria continua sendo a mesma, intraduzível, mas com a possibilidade de transliterar.

Lacan (1964-1965/2006) aborda a utilização da denotação e da conotação em relação ao significante e ao referente. A denotação se refere ao significante que estabelece uma correspondência com um referente específico – uma marca que identifica. Já a conotação envolve o significante não apenas como indicador, mas introduz vários sentidos que são contextuais e simbólicos. Lacan ainda propõe que um nome próprio, por si só, não consegue concentrar um significado ou um sentido específico. Entretanto, quando vinculado a um ser falante, ele desempenha a função de singularizar esse indivíduo.

Ninguém nunca disse até o presente o que é o nome, mas, enfim, fala-se dele, do nome em geral, ele tem duas funções: de denotar ou de conotar. Há nomes que comportam neles possibilidades de desenvolvimento, essa espécie de riqueza que se chama definição e que lhes remete, no dicionário, de nome em nome indefinidamente. Isso, isso conota. E depois há outros que são feitos para denotar (Lacan, 1964-1965/2006, p. 6).

Guerra e Andrade (2019) propõem que o nome próprio se diferencia de um significante por conter um vazio de significação, como em um ponto de sutura aberto. “Não é como indivíduo que me chamo Jacques Lacan, mas como alguma coisa que pode faltar” (Lacan, 1964-1965/2006, p. 74). No entanto, a sutura não se faz da mesma forma nas três estruturas – neurose, perversão e psicose. Neste artigo, tendo como base a autora Cielo Latini, o enfoque será na estrutura neurótica, pois ela, consoante Ernesto Vazquez (2011), apresenta traços correspondentes à histeria.

Com isso, constata-se, por meio dos escritos de Siqueira (2013), que o nome recobre a falta estrutural, como um tapa-buraco, para dar a ilusão de sutura, de forma a substituir essa falta, como bem pode ser visto no esquecimento de Freud a respeito do nome próprio, relatado na obra “Psicopatologia da vida cotidiana” (Freud, 1901/2023). Nesse texto, referencia-se uma história narrada e vivenciada pelo próprio Freud, em que, ao conversar com uma pessoa sobre uma viagem que fizera, esqueceu-se do nome do pintor Signorelli, criador das obras Morte, Juízo, Inferno e Paraíso.

Lacan (1961-1962/2003) se encontra com a temática por meio do retorno a Freud, tendo como embasamento as três identificações: ao pai; ao traço; e a histérica. Por meio do Seminário IX *A Identificação*, o psicanalista francês vai focar no segundo tipo de identificação,

ao traço, para argumentar que é a partir do traço – como significante advindo do Outro que determina os ideais – que o sujeito irá se localizar na cadeia significante. Rosa (2015) retoma Gardiner (1954) no ponto em que ele discute que o nome próprio não se limita ao processo identificatório, mas também distintivo; ou seja, carrega consigo uma marca do real, como função de letra. Lacan (1961-1962/2003) dá seguimento a essas ideias por meio do entendimento de que “não pode haver definição do nome próprio senão na medida em que percebemos a relação da emissão nominante como algo que, em sua natureza radical, é da ordem da letra” (p. 90).

É no Seminário sobre a *Carta Roubada* – retomando o conto de Edgar Allan Poe – que Lacan (1956/1998) discute a noção de letra a partir da ambiguidade do significante *letter*, que pode significar carta ou letra. Silva (2019) argumenta que é justamente esse “homônimo [que] evidencia o caráter de indeterminação na narrativa e apresenta a noção da materialidade ao lado da ideia da letra enquanto o que faz o discurso circular” (p. 61). Assim, o nome próprio pertence à ordem da letra e ao registro do real – não cessa de se escrever – como o sintoma no seu modo de repetição, como bem afirma Rosa (2015). A autora completa com a noção do nome próprio como sintoma, ou melhor, “um sintoma pode funcionar como nome próprio do sujeito, como aquilo que designa repetidamente algo do seu ser e não cessa de se escrever, designação a posteriori” (Rosa, 2015, p. 127).

Essa relação da letra como marca do nome pode ser analisada também na própria vivência do pai da Psicanálise, a partir da mudança de seu próprio nome de batismo: de Sigismund para Sigmund. É notável que várias questões relevantes o fizeram modificar, como a sua origem judaica, a qual ele não conseguia mais suportar e nem sustentar, em especial, pela perseguição hittleriana da época. Contudo, consoante Naue e Carvalho (2021), mesmo com o apagamento da letra na escrita do nome, ele não conseguiu apagar tampouco a sua marca, tendo em vista o resto do real que sempre retorna ao sujeito.

Na narrativa de Latini (2006), é possível identificar essa marca a partir do ato de seus pais ao nomeá-la. “Sim, esse é o meu nome. Querido. Incomum, mas claro: ele não podia me chamar de outra coisa. Era previsível que meu nome não pudesse ser comum, tinha que ser especial. Então meu nome é especial, como eu (de acordo com meus pais)” (p. 13, tradução nossa). Assim, a letra promove uma distinção de um traço pelo outro. É nesse momento que se marca a entrada do sujeito no campo do Outro.

Sob tal viés, para além de seu nome próprio – Cielo –, a autora utiliza a possibilidade de se nomear no virtual para alcançar um significante perfeito para dizer sobre o seu ser. Ela começa a vida cibernética se chamando de Clara<sup>14</sup> e, no decorrer da relação com Alejo, somado aos sintomas corporais, ela o transforma em Hiedra, Lágrima e depois em Abzurdah. É notável que as mudanças de *user* não se deram como uma forma de ressignificar ou se inscrever no nome que ela foi batizada, mas de nomear o seu sintoma como lugar de gozo. É um nome que remete ao gozo do Outro do qual o sujeito se faz objeto, dado que tem efeito no real do corpo – como a anorexia no caso abordado, que a leva para uma experiência de quase-morte. É o “mais... ainda” de Cielo, ou seja, o adoecimento do corpo é pensado de forma discursiva ao se articular gozo aos significantes advindos do discurso do Outro – lugar de saber. De certa forma, é esse nome que tenta dar contorno ao corpo.

Freud (1919/2019) vai desenvolver a noção de infamiliar como algo sentido inexplicavelmente familiar, mas que gera estranheza e angústia: “a imagem no estranho é ao mesmo tempo narcísica quanto mortífera, pois remete àquilo que não se encontra visível ao olhar, indo ao encontro da castração” (Silva, 2019, p. 86), podendo, então, ser identificada como parte do registro real. Percebe-se em *Abzurdah* que o nome próprio da protagonista se torna infamiliar, já que traz à tona o que há de irrepresentável, além de evidenciar a sua divisão (\$) e, por isso, ela se encarrega de procurar um novo nome que possa dizer completamente de quem é – o que é sem êxito.

“Assim, sem o aparato significativo, a imagem refletida no espelho não seria suficiente para o eu advir, pois é necessário que essa imagem seja autorizada e sustentada pelo significativo” (Silva, 2019, p. 88) – o que faz com que Cielo busque a validação do olhar do Outro, de Alejo, para se constituir, bem como demonstrado no Estádio do Espelho. Quando criança, ela buscava ser a perfeição para a mãe, mas, na adolescência, ela busca o olhar do Outro do sexo, em ser desejada por este. Para além disso, é justamente com a ideia do reconhecimento de sua imagem que esse Outro a nomeia e é, assim, que o sujeito passa a se reconhecer: seria um desejo alienado no desejo do Outro.

É interessante retomar na narrativa de Latini (2006) o momento no qual ela conta ser incluída em grupos sociais, tanto na escola quanto na comunidade virtual, sendo apenas quando percebe a ideia de ter o corpo ideal que ela passa a ser identificada como um alguém. É também nesse aspecto que ela mesma se questiona: seria o corpo o que a deixava sem amigos ou era ela quem tinha isso como uma verdade, o que, por sua vez, a fazia ocupar tal posição que a incomodava tanto? É por meio do Imaginário que ela impera, dessa maneira, a sua experiência corporal.

Minha imagem pessoal estava mudando, assim como o que eu transmitia ao resto dos mortais (porque no fundo eu sabia da minha mortalidade). Cielo doce e espontâneo estava morrendo e em vez disso uma escultura de gelo deu diretrizes e mudou de uma escultura para um galho de folha caduca de uma antiga árvore frondosa. Estava me consumindo. Eu sabia disso e não conseguia parar de apreciá-lo. Se ele não me amasse, então eu iria morrer: e eu ia morrer linda, inteligente e com o corpo perfeito. A perfeição foi o meu fim e em minha doença compreendi como alcançável; cada quilo a menos era um passo mais perto de minha meta desejada. Cada quilo de mais uma lembrança do porco que tinha sido todos aqueles anos, de auto-ódio: de desgosto (Latini, 2006, p. 153, tradução nossa).

É nessa ideia de como ela se coloca, utilizando o corpo, para os outros, que há a criação de sua assinatura: “há algo do corpo que se desprende e faz com que este se torne sua tela de criações” (Silva, 2019, p. 66). Como no momento em que ela se nomeia Lágrima e cria um blogue on-line pró-anorexia intitulado *Mecomoami*, no qual dissemina ideias, incentivos e protestos favoráveis ao seu novo estilo de vida: a anorexia. Na seguinte citação, percebe-se a relação de troca de user para representar aquilo que ela estava sendo, ou seja, que ela – ou seu sintoma – era naquele instante:

Tornei-me uma formadora de opinião e recebi dezenas de e-mails por dia: eu havia criado uma nova personalidade que deixou Clara14 e Cielo em um lado escuro e em-

poeirado. Nasceu Lágrima, uma guru anoréxica tentando não se afogar em sua miséria e pregando ao mundo que a anorexia não era um transtorno alimentar, mas um estilo de vida (Latini, 2006, p. 157, tradução nossa).

Isso foi fomentando a sua idealização corporal na tentativa de se sentir representante e parte de algo, mesmo que isso fosse levá-la à morte. É interessante, nesse momento, presentificar a noção do corpo e a pulsão de morte por meio da compulsão à repetição. Freud (1920/2010), em *Para além do princípio do prazer*, considera que as pulsões de morte têm um caráter repetitivo que tem como intuito reduzir as tensões, conduzindo a pessoa ao restabelecimento de um estado anterior de inércia e produzir satisfação. Outrossim, essa pulsão está ligada à ideia de compulsão à repetição, em que há um retorno à vivência traumática de forma a encontrar uma representação menos sofrida.

Essas noções podem ser analisadas na tentativa de Cielo em alcançar a representação da perfeição por intermédio de seu corpo magro, o que tendia ao retorno do inanimado. “[...] outras garotas anoréxicas trocando conselhos e nos dando apoio em nosso progressivo caminho para a morte (que confundimos com ‘perfeição’)” (Latini, 2006, p. 156, tradução nossa). Ademais, é impossível não perceber a relação cultuosa existente entre a autora e Ana (apelido dado à anorexia), que, inclusive, começou a ser chamada e tratada como deusa, “então Ana para mim é minha deusa, minha deusa todo-poderosa que me ajuda a ser cada vez mais perfeita. Ana me castiga e me insulta só quando castigo e insulto eu mesma. Se Ana vê que estou sendo justa comigo mesma, então ela me recompensa” (Latini, 2006, p. 166, tradução nossa).

Com essas citações e a retomada da história com Alejo e a mãe, constata-se que Cielo utiliza sempre um alguém para se constituir e dizer quem ela é. Contudo, mesmo com essas constantes mudanças de nome para obter tal propósito, ela nunca alcança o que a marca como estrutura: seu nome próprio. Como dito, seu nome batismal carrega um significado idealizado por seus pais de conseguir ser sempre perfeita, e é isso que ela almeja em todas as suas relações, usufruindo de seu corpo como uma tela.

Não obstante, essa questão se transforma ao chegar à última parte do livro de Cielo, o que torna necessário, mais uma vez, narrar seus escritos. Depois que as brigas com os pais aumentaram e a validação de seu médico, ela se mudou para um apartamento perto da faculdade – e de Alejo – para viver sozinha. Porém, com o passar do tempo, ela percebeu que aquilo não era algo que estava resolvendo os seus problemas e, a partir disso, começou a planejar a própria morte: despedindo-se, fazendo o que tinha vontade, escrevendo cartas, enfim, aproveitando seus últimos dias e planejando os detalhes para o que seria uma morte perfeita. Por mais que quisesse ser perfeita nesse momento, como tentava ser em todo o resto de sua vida, ela não conseguiu. A morte não foi alcançada. “Posso controlar minha vida, mas não minha morte” (Latini, 2006, p. 278, tradução nossa).

No decorrer das páginas, ela conta que não se lembra de muita coisa e que estava o tempo todo medicada, o que a fazia adormecer constantemente. Os relatos vão mostrando aos poucos apenas algumas lembranças, como sobre o dia em que ocorreu essa passagem, no qual ela diz que bebeu uma garrafa de vinho; escreveu nas paredes algumas frases e também puxou alguns comentários a partir de fotos coladas na parede para dizer de cada um; tomou

quarenta comprimidos de Rivotril; cortou sua pele com estilete; tirou fotos; cortou seu cabelo e raspou a sobrancelha. Quando já estava consciente e um pouco melhor, ela conseguiu ver as fotos da cena e de seu semblante no momento em que tudo acontecia: “Quem era? Um monstro, um ser assexual, nojento” (Latini, 2006, p. 293, tradução nossa): “eu respirei. Conte até dez, o melhor que pude. Eu respirei, respirei, respirei, respirei. ‘Essa não sou eu’ eu disse em voz alta. Não sou eu... meu Deus... MEU DEUS! [...] Essa sou eu! Este sou eu! Como eu poderia fazer isso comigo mesma? Como posso fazer isso comigo mesma? Por que eu fiz isso?” (Latini, 2006, p. 321, tradução nossa).

No seminário X, Lacan (1962-1963/2005) desenvolve a noção de “passagem ao ato” como um movimento realizado pelo sujeito que o faz cair, ou seja, é quando se esbarra com o real insuportável que, temporariamente, não consegue simbolizar: no momento em que Cielo se olha no “espelho” (fotografia), não se reconhece e não sabe dizer o que a nomeia, fator que se torna um momento angustiante. Ainda tendo como base o seminário X, entende-se esse instante como a imagem de um corpo que se remete ao real – que é o que não pode ser simbolizável – e que não há possibilidade de reconhecimento. No momento do ato, a protagonista se ocupava de um dizer, de buscar uma palavra em forma de ato para significar o que estava a tomando: “o ato é, por sua própria dimensão, um dizer” (Lacan, 1957-1958/1999, p. 93).

Guimarães (2009) salienta que o ato é um feito que se inscreve como significante, mas que não dá conta do todo, e, por outro lado, é justamente isso que faz com que ocorra sua existência. Então, como um enigma entre a relação entre corpo e o nome de Cielo Latini, permanece a questão: a passagem ao ato se deu no momento da desconfiguração de si ou quando ela se viu desconfigurada por meio da fotografia?

Desde o dia em que vi essas fotos minha vida mudou. Eu tenho memórias novamente viva no dia do evento. Como um efeito dominó, ver-me como eu nunca havia me visto (eu não estava consciente quando tirei essas fotos), trouxe de volta memórias e sentimentos muito misturados. Estou feliz por estar lembrando, mas também que desperta paixões conflitantes em mim (Latini, 2006, p. 322, tradução nossa).

## Considerações finais

Como foi possível perceber no percurso realizado, Lacan desenvolve ao longo de seus ensinamentos a noção de Sujeito como efeito do laço social, não como passivo, mas reacional. Em seu texto *O Estádio do Espelho como Formador da Função do Eu*, de 1949, ele associa essa ideia ao registro imaginário, em que o sujeito se constitui ao se separar do outro. É também nesse estágio que acontece a formação do corpo para além de sua materialidade. Contudo, para que essa constituição aconteça efetivamente, é necessária também a passagem pelo registro simbólico, pela linguagem, que é introduzida por um Outro. Como a linguagem aparece perpassando a questão imagética, o que antecede esse momento fica pertencente ao real. Destaca-se que Lacan entende os três registros como enodados, não separados, mas para fins de didática faz-se essa separação.

Segundo Lacan (1961-1962/2003), o traço unário, sendo o significante zero ou -1, não pertence à cadeia significante, já que ele se instala nesse último registro mencionado. Esse traço, sendo o que retém a falta, é tido como uma identificação do sujeito, em que há um apagamento do objeto, mas também como algo do traço que permanece e insiste em se inscrever – como o nome próprio que faz uma junção entre o simbólico e o real. Assim, ao associar os três campos de inscrições, somado à nomeação do indivíduo, é que o sujeito passa a reconhecer aquele corpo como seu, podendo haver, inclusive, modificações sintomáticas. Esse ponto é notório no decorrer das palavras de Latini sobre sua anorexia.

Siqueira (2013) desenvolve essa ideia do nome e do atravessamento corporal ao dizer que a letra faz parte do registro real e que não é passível de sentido *a priori*. Dessa maneira, como não é possível utilizar o simbólico para dizer dessa marca que foi impressa pelo Outro, ela se inscreve no corpo, na tentativa também de representar o gozo doutrem.

Compreende-se que as questões que perpassam o nome próprio permanecem presentes nos dias de hoje; contudo elas podem ser projetadas de uma maneira diferente das que apareciam no tempo de Freud e até mesmo de Lacan, por exemplo, a estratégia de dar conta da falta a partir do renomear nas redes sociais.

Diante disso, percebe-se como a protagonista de *Abzurdah* utiliza o campo virtual para escrever um nome que tenta simbolizar sua angústia. É difícil não se atentar à mudança de nomes perante sua posição diante do Outro e às suas significações sintomáticas no corpo. Com essa atitude, constata-se a forma como ela inconscientemente nomeia o seu sintoma, causando a permanência na posição gozante. Ela, inclusive, diz, no decorrer de sua obra, que cada nome escolhido retrata a sua personalidade, como uma forma de se encontrar e de se reconhecer. No fim, com sua última escolha nominal, ela esclarece que *Abzurdah* é que vai dar conta de todas essas personalidades,

sou útil, fiel, inútil, inteligente, prostituta, feliz, obsessiva, virgem, irmã, filha, prima, namorada, amante, amiga, parceira, confidente, traidora e leal entre outras coisas. Esse é o meu modo de operar, sou assim: absurda. Eu me entendo na minha desordem, na minha incoerência. Eu sou tudo, depende do dia (Latini, 2006, p. 340, tradução nossa).

Posto isso, conclui-se que, quando não se consegue elaborar um sentido para o traumático, há uma identificação, assim como Cielo tentava a todo momento se identificar, por meio da nomeação que elege. Lacan (1961-1962/2003) vai dizer que a linguagem investe o corpo de um saber que o sujeito não sabe, este que quer ter um lugar no Outro e que, para isso, vai criar uma identidade que seja igual, mas que, ao mesmo tempo, conseguirá se distinguir por um traço. As identificações imaginárias não oferecem o poder para que o sujeito se estabeleça como vivo, sendo preciso recorrer ao ideal para se constituir, para criar o Ideal do Eu. No momento em que Cielo percebe a anorexia como uma deusa e se faz atravessada por ela, há uma inscrição de um Ideal por intermédio do que seria alcançar o poder da divindade.

Assim, para que ocorra tal Ideal, por meio da identificação ao significante dado pelo Outro, para conseguir se representar, há uma soltura na cadeia discursiva e o S1 não se liga a um S2, o que impossibilita a formação de sentido. Nesse momento, o sujeito não será representado pelo significante da identificação, mas irá se alienar a ele, como a busca de

Cielo pela perfeição, que advém desde o seu nome batismal, e o fracasso em conseguir se representar, originando a amarração do imaginário ao gozo.

Destarte, é apenas quando há a passagem ao ato, no momento em que Cielo se olha, que há uma ruptura com a cena do Outro. É mediante suas vivências “absurdas” que ela consegue construir uma narrativa sobre si mesma, momento em que começa a escrever a sua autobiografia. No fim do livro, ela acrescenta uma nota de sua mãe que esclarece bem a narrativa publicada:

Karl Young disse “nós somos nossos eventos internos”. Ele nos diz que a revisão de sua vida é o relato de suas experiências, e não a revisão de anedotas ou “eventos” de sua existência. E que a maior parte de nossas vidas são gastas dentro de nós mesmos. Esses são, segundo ele, os verdadeiros acontecimentos; os que contam, os que importam, os que nos constituem. Acontece que Karl Young diz a mesma coisa que eu disse na outra vez sobre o livro. São as SUAS experiências, não importa se não coincidem exatamente com a realidade. Por você era assim e sua vida era assim: isso te constitui, aquilo que você viveu como VOCÊ viveu. Não me importo com o que o livro diz (não, eu me importo terrivelmente); Eu quero dizer que nada vai ofender-me ou assustar-me. Estou feliz porque você pode colocar sua vida interior em seu livro e isso é maravilhoso! Ter “dom” e clareza mental para contar uma vida não é nada fácil (Latini, 2006, p. 343, tradução nossa).

Este trabalho não esgota as discussões sobre os temas aqui apresentados, além disso, contém algumas limitações que se deram principalmente pela metodologia escolhida, por exemplo, a utilização de um caso específico e a falta de relação com outras disciplinas do saber. Por isso, cria-se possibilidades futuras de investigação, sob a mesma óptica, de outros casos publicados, além de relacionar a temática com outros campos de conhecimento para, assim, haver maior aprofundamento a partir do comparativo com a Psicanálise.

Posto isso, como supracitado, este artigo não pretende responder a todas as questões apresentadas pelo enigmático percurso de Cielo, contudo é imprescindível dizer que as vivências da autora a constituíram, mesmo as mais traumáticas que se instalaram depois da puberdade: foi preciso um desvio no caminho Ideal para se reconhecer para além do campo do Outro, para se enxergar. Foi com a retomada do espelho – fotografia – que ela se viu. Dessa forma, foi necessário um processo de desconstrução e reconstrução de sua imagem para se ver no meio do indecifrável.

## Referências

- Barroso, A. F. (2012). Sobre a concepção de sujeito em Freud e Lacan. *Barbaroi*, 36, 149-159. Recuperado em 14/04/2025 em: <[https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-65782012000100009&lng=pt&tlng=pt](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-65782012000100009&lng=pt&tlng=pt)>
- Batista, C. F. (2013). *Do Eu-Ideal à singularidade*. Trabalho de conclusão de curso de especialização, Universidade de Brasília, Brasília, Brasil.
- Campos e Silva, L., Carvalho, I. S., & Chatelard, D. S. (2017). Considerações sobre a noção de nome próprio em Lacan: entre o significante e a letra. *Caderno Psicanalítico*, 39, 161-

174. Recuperado em 14/04/2025 em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-62952017000100009&lng=pt&nrm=isso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952017000100009&lng=pt&nrm=isso)>
- Dunker, C. (2016, 28 de agosto). **Qual é a diferença entre “Eu Ideal” e “Ideal do Eu”?** [Vídeo]. YouTube. Recuperado em 14/04/2025 em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vUTCNuAgL6I>>
- Freitas, P. F. (2018). **Uma mulher e o olhar em ato: o que a arte desnuda do não-todo do corpo.** Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.
- Freud, S. (1996). Escritores criativos e devaneio. In S. Freud. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 9, pp. 147-160). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1907-1908).
- Freud, S. (2010). Introdução ao narcisismo. In S. Freud. *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos* (P.C. Souza, Trad., Vol. 12, pp. 13-50). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (2010). Além do princípio do prazer. In S. Freud, *História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), além do princípio do prazer e outros textos (1917–1920)* (P. C. Souza, Trad., Vol. 14, pp. 161–239). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920).
- Freud, S. (2011). O Eu e o Id. In S. Freud. *O eu e o id: Autobiografia e outros textos* (P.C. Souza, Trad., Vol. 16, pp. 9-64). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923).
- Freud, S. (2019). *O infamiliar [Das Unheimliche] – Edição comemorativa bilíngue* (E. Chaves & P.H. Tavares, Trad., Vol. 2, pp. 28-125). Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1919).
- Freud, S. (2023). *Psicopatologia da vida cotidiana* (E. Brose, Trad.). Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1901).
- Gardiner, A. H. (1954). *The theory of proper names: A controversial essay* (2ª ed.). Oxford University Press.
- Greco, M. (2011). Os espelhos de Lacan. **Opção Lacaniana**, 6, 1-13. Recuperado em 14/04/2025 em: <[http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero\\_6/Os\\_espelhos\\_de\\_Lacan.pdf](http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_6/Os_espelhos_de_Lacan.pdf)>.
- Guerra, A. M. C., & Andrade, H. V. (2019). Sobre a teoria da nomeação em J. Lacan: do ato à invenção. *Tempo psicanalítico*, 51, 103-120. Recuperado em 14/04/2025 em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-48382019000200006&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382019000200006&lng=pt&tlng=pt)>
- Guimarães, M.C.P. O estatuto renovado da passagem ao ato. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 12(2), 291–306. Recuperado em 16/04/2025 em: <<https://www.scielo.br/j/agera/a/cq8GLgmmmyNb8ZVvkZwPg3Nn/>>
- Kelner, G. (2004). Transtornos alimentares: um enfoque psicanalítico. *Estudos de Psicanálise*, 27, 33-44. Recuperado em 14/04/2025 em: <[https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-34372004000100005&lng=pt&tlng=pt](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372004000100005&lng=pt&tlng=pt)>
- Lacan, J. (1967-1968). *Le Séminaire, Livre XV: L’Acte Psychanalytique*. Staferla. Recuperado em 14/04/2025 em : <<http://staferla.free.fr>>

- Lacan, J. (1974-1975). *Séminaire 22: R.S.I. Staferla*. Recuperado em 14/04/2025 em: <<http://staferla.free.fr>>
- Lacan, J. (1995). *O seminário, livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1956-1957).
- Lacan, J. (1998). O estádio do espelho como formador da função do eu. In J. Lacan. *Escritos* (pp. 96-103). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1949).
- Lacan, J. (1998). Subversão do sujeito e dialética do desejo. In J. Lacan. *Escritos* (pp. 807-842). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1960).
- Lacan, J. (1998). O Seminário sobre “A Carta Roubada”. In J. Lacan. *Escritos* (pp.13-66). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1956).
- Lacan, J. (1999). *O Seminário, livro 5: As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1957-1958).
- Lacan, J. (2001). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1964).
- Lacan, J. (2003). *A identificação*. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife. (Trabalho original publicado em 1961-1962).
- Lacan, J. (2005). *O Seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1962-1963).
- Lacan, J. (2006). *O seminário, livro 12: problemas cruciais para a Psicanálise*. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife. (Trabalho original publicado em 1964-1965).
- Lacan, J. (2009). *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1953-1954).
- Lacan, J. (2018). *A lógica do fantasma*. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife. (Trabalho original publicado em 1966-1967).
- Latini, C. (2006). *Abzurdah*. Barcelona: Editorial Planeta.
- Naue, L. A. V. & Carvalho, I. S. (2021). Como você quer ser chamado? Questões acerca do nome próprio na análise. *Cadernos de Psicanálise*, 43(44), 177-190. Recuperado em 14/04/2025 em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-62952021000100012&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952021000100012&lng=pt&tlng=pt)>
- Pisetta, M. A. M. & Besset, V. L. (2011). Alienação e separação: elementos para discussão de um caso clínico. *Psicologia em Estudo*, 16(2), 317-324. Recuperado em 14/04/2025 em: <<https://www.scielo.br/j/pe/a/TgF3k8gLYpb58spCgR78Ws/#>>
- Rosa, M. (2015). Lacan com Kripke: o real em jogo no nome próprio lido como designador rígido. *Ágora: estudos em teoria psicanalítica*, 18(1), 115-130. Recuperado em 14/04/2025 em: <<https://www.scielo.br/j/agora/a/smn6vGKhHbq9sVkpGnBwFdr/>>
- Silva, V.G. (2019). *Espelhos em pedaços: o enigma da relação entre o corpo e o nome de ORLAN*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.
- Siqueira, E. R. A. (2013). **Corpo escrito: um estudo psicanalítico sobre nomeações e marcas corporais**. Tese de doutorado, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil.

- Soler, C. (2009). **Os nomes da identidade**. *Revista Trivium: Estudos interdisciplinares*, 1, 171-177. Recuperado em 14/04/2025 em: <<https://appoa.org.br/uploads/arquivos/os-nomes-da-identidade.pdf>>
- Souza, L. B. & Danziato, L. J. B. (2014). Das relações entre identificação e nomeação: o sujeito e o significante. *Revista Subjetividades*, 14(1), 53-61. Recuperado em 14/04/2025 em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2359-07692014000100006&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692014000100006&lng=pt&tlng=pt)>
- Vazquez, E. A. A. (2011). **Um dos novos rostos da histeria: os sintomas anoréxicos como resposta ao discurso do capitalismo**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

**Proper name: the screen as a (un) tie of the symptoms**

**Abstract**

The present work sought to understand the relationship between proper name, body, and virtuality from a psychoanalytical perspective in order to analyze the crossings of self-naming in cyberspace through the authorial words of Cielo Latini. In order to achieve this objective, freudian and lacanian works –first teaching- were taken up again, as were authors who approached this theme under the theory of these two great psychoanalysts. Furthermore, the autobiographical work *Abzurdah* (2006), by the argentine author Cielo Latini, was given as the object of study, considering that the theoretical points were discussed from such narrative. Thus, through document analysis, it was possible to investigate how Cielo uses the virtual environment to remain in a position of jouissance, considering that the names chosen for its users referred to their symptoms. It was still possible to perceive the protagonist's constant attempt to occupy the place of ideal for the Other, which, in her childhood, was occupied by her mother and, already in adolescence, by the Other sex, Alejandro. The purpose of this article is not to exhaust the subject's discussions, but rather to provide a critical opening on the theoretical crossings concerning the published case's absurd life.

**Keywords:** Naming, *Abzurdah*, Virtuality, Psychoanalysis, Body.

**Nom propre: l'écran comme (dé)noeud des symptômes**

**Résumé**

Le présent travail a cherché à comprendre la relation entre le nom propre, le corps et la virtualité du point de vue de la psychanalyse, afin d'analyser les traversées de l'autonomisation dans le cyberspace à travers les mots de Cielo Latini. Pour atteindre cet objectif, les œuvres de Freud et de Lacan ont été reprises, ainsi que celles d'auteurs traitant de ce thème selon la théorie de ces deux grands psychanalystes. De plus, l'œuvre autobiographique *Abzurdah* (2006) de l'auteure argentine Cielo Latini a été choisie comme objet d'étude, étant donné que les points théoriques ont été discutés à partir de ce récit. Ainsi, à travers l'analyse documentaire, il a été possible d'explorer comment Cielo utilise l'environnement virtuel pour maintenir une position jouissive, étant donné que les noms choisis pour ses utilisateurs se réfèrent à ses symptômes. Il a également été possible de remarquer la tentative constante de la protagoniste d'occuper la place de l'idéal pour l'Autre, qui dans son enfance était occupée par sa mère et, déjà à l'adolescence, par l'Autre sexe, Alejandro. Cet article ne prétend pas épuiser les discussions

sur le sujet, mais au contraire, ouvrir une réflexion critique sur les traversées théoriques concernant la vie absurde du cas publié.

**Mots-clés:** Nomination, *Abzurdah*, Virtualité, Psychanalyse, Corps.

### **Nombre propio: la pantalla como un (des) atadura de los síntomas**

#### **Resumen**

El presente trabajo buscó comprender la relación entre nombre propio, cuerpo y virtualidad bajo la perspectiva psicoanalítica, de manera a analizar los atravesamientos del autonombre en el ciberespacio a través de las palabras autorales de Cielo Latini. Para obtener tal objetivo, se retomaron las obras freudianas y lacanianas -primer enseñanza- así como autores que abordaban tal temática bajo la teoría de estos dos grandes psicoanalistas. Además, la obra autobiográfica *Abzurdah* (2006), de la autora argentina Cielo Latini, se tomó como el objeto de estudio, teniendo en cuenta que los puntos teóricos fueron discutidos a partir de tal narrativa. Así, a través del análisis documental fue posible investigar cómo Cielo utiliza el ambiente virtual para mantenerse en una posición gozante, teniendo en cuenta que los nombres elegidos para sus usuarios se referían a sus síntomas. También fue posible percibir el intento constante de la protagonista de ocupar el lugar de ideal para el Otro que, en su infancia, era ocupado por su madre y, ya en la adolescencia, por el Otro del sexo, Alejandro. Este artículo no pretende agotar las discusiones sobre el tema, sino, al contrario, posibilitar una apertura crítica sobre los atravesamientos teóricos en relación a la vida absurda del caso publicado.

**Palabras clave:** Nombramiento, *Abzurdah*, Virtualidad, Psicoanálisis, Cuerpo.

Recebido em: 31/05/2024

Revisado em: 14/10/2024

Aceito em: 23/01/2025